

diáfano

Tudo, seres e coisas, não passam de uma maior ou menor quantidade de calor solar armazenado, organizado, uma recordação de sol, um pouco de fósforo que arde nas meninges do mundo. Paul Cézanne¹

“Diáfano” intitula a mais recente exposição de Juliana Matsumura. Este parece um tema inevitável ao pensar na obra da artista, pois, quem está com ela familiarizado reconhecerá certamente o carácter lumínico e translúcido tão presente nos seus brancos e cinzentos espectrais, nas suas texturas difusas entre círculos imperfeitos e formas quebradas... Mas o diáfano que com esta nova exposição Juliana nos apresenta, traz agora uma outra vertente não menos essencial a esta qualidade — a cor.

A cor surge na sua última série de trabalhos assumida em plenitude; ela brota de um traçar, da repetição de um gesto que agora se faz declarado pelo desenho, esse protagonista na sua obra. A cor insinua-se sobre a superfície do papel, sobre essa epiderme, para tornar, nas suas sensíveis mudanças, mais quente e mais viva a luz interior que tem vindo a ser identificada no trabalho da artista. Ela faz-se aqui refratada e simultaneamente composta nos véus subtis que encarnam a imagem.

Esta luz imanente, criada e não criada, ocorre entre cada um destes desenhos e o seu observador. Ela remete-se à sensibilidade e ao íntimo, muito à semelhança do que Merleau-Ponty terá indicado ao afirmar que certas qualidades como “luz, cor, profundidade, que estão ali perante nós (...) porque despertam um eco no nosso corpo, porque é ele que as acolhe”². Ela alude à incontornável relação entre a visão e com o seu objeto, o visível.

Ao mencionar a “cobertura do visível”³ por excelência (correspondendo à cor), este conjunto de obras apresentadas pela artista remete, assim, à cor latente ao órgão da visão: ele lembra-nos que a cor é a qualidade da luz que nos chega através da córnea e do cristalino, e se aloja na retina; ele fala-nos do fenómeno fisiológico estabelecido pela interação entre o olho e o cérebro, e estimula-o, provoca-o. Ao celebrar deste modo tão preciso a visibilidade, este conjunto de desenhos atesta a sua nítida afinidade à pintura.

Ainda que respeitando certas características muito específicas ao corpo de trabalho de Juliana, como o medir forças com formas tão simbólicas como o círculo e a oval, bem como a “carga energética” da repetição dos gestos (anteriormente imperceptíveis), que nos transmitem o “interstício” — o “entre” nos grandes binómios ou “durante” do processo — estas obras encerram um outro fulgor. Na sua similar exploração da dissipação de contornos formais e conceptuais, as várias “películas” que neles se percecionam pelas camadas em lápis de cor e pela dispersão das formas, atingem o olho como uma chama viva e móvel. Elas estão para o observador como imagem remanescente, como uma “memória de sol” como terá dito Cézanne⁴, gravada no aparelho perceptivo e trazida ao juízo estético. É por esta “animação” aqui presente que somos remetidos para alusão indireta à tradição da pintura, porque a pintura é, como afirmado por Tomás Maia, “o nome genérico de um dom feito ao Sol; mais exactamente: é o dom que devolve a luz ao universo.”⁵

Assim, por esta qualidade translúcida e imanente, bem como pela evocação da causa do visível presentes no conjunto de obras selecionadas da série “Fulgor” e da série “avant et à démesure” aqui também informadas por duas obras anteriores (da série “The Remnant”, 2017), nascidas entre o meio humilde do lápis de cor sobre papel e a monotipia, Juliana Matsumura propõe o despertar de um eco sensível no nosso corpo, quente, resplandecente e expansivo, que neste seu propagar do fora para dentro e do dentro para fora, devolve luz ao universo.

Andreia César, fevereiro de 23

¹Cézanne, P. (2016) *Paul Cézanne por Élie Faure seguido de O que ele me disse*, Sistema Solar, p. 65.

²Merleau-Ponty, M. (2004) *O Olho e o Espírito*, Vega, p. 23.

³Mondzain, M.-J. (2015) *Homo Spectator: Ver, fazer ver*, Orfeu Negro, p. 48.

⁴Cézanne, P. (2016) *Paul Cézanne por Élie Faure seguido de O que ele me disse*, Sistema Solar, p. 65.

⁵Maia, T. (2015) *A Incandescência, Cézanne e a Pintura*, Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar, p. 28.

Ficha Técnica

1. *Fulgor #7, 2022*

60x42 cm

lápiz de cor sobre papel Fabriano

2. *Fulgor #8, 2022*

70x100 cm

lápiz de cor sobre papel Fabriano

3. *Fulgor #10, 2023*

70x 100 cm

lápiz de cor sobre papel Fabriano

4. *Fulgor #9, 2022*

70 x 100 cm

lápiz de cor sobre papel Fabriano

5. *avant et à démesure, 2023*

dimensões e configurações variáveis

monotipias sobre papel, ímanes e pedras-pomes

6. série *Fulgor, 2022-2023*

(*de cima para baixo, da esquerda para a direita*):

#5; #2; #1; #3; #6 e #4

lápiz de cor sobre papel

7. série *The Remnant III, 2017*

S/ *Título 16 e 17*

60x42 cm

monotipia sobre papel

